

RESENHA

Bookreview

THE ENGAGEMENT OF INDIA: STRATEGIES AND RESPONSES¹

Vinicius Tavares Oliveira²

Em livro organizado e editado por Ian Hall, vários autores buscam examinar o engajamento de alguns atores do sistema internacional com a Índia e os engajamentos da Índia com estes atores. Num primeiro momento, estabelece-se um referencial teórico que define as estratégias de engajamento e seus objetivos. Posteriormente, examina-se o tipo de engajamento que Estados como os EUA, China, Rússia, Austrália e Estados do Sudeste da Ásia tem com a Índia.

Os autores definem engajamento enquanto qualquer estratégia que emprega "incentivos positivos" para influenciar o comportamento dos estados. Distingue-se entre as estratégias de "troca" e as estratégias "catalisadoras". No primeiro caso, incentivos positivos são oferecidos para tentar "alavancar" contrapartidas específicas do Estado de destino. Já no segundo, são oferecidos incentivos apenas para catalisar algo maior, talvez até mesmo envolvendo a transformação de uma determinada sociedade. Os objetivos do engajamento podem incluir mudança de políticas específicas do Estado de destino ou transformar a ordem política, econômica ou social deste Estado.

Além disso, como Ian Hall afirma no capítulo introdutório, o engajamento é mais utilizado do que muitas vezes é reconhecido por estudiosos das relações internacionais e é geralmente considerado mais politicamente aceito em ambos os Estados que são engajados e nos Estados que procuram se engajar.

As estratégias de engajamento assumem formas diferentes, dependendo de seus objetivos. Algumas podem enfatizar a diplomacia, visando a melhoria de contatos formais, entre Estados, e serem conduzidas por diplomatas profissionais, enviados especiais ou políticos. Alternativamente, pode-se enfatizar os laços militares, utilizando diálogos entre militares, como intercâmbios e treinamento para construir a confiança, transmitir as intenções estratégicas, ou simplesmente promover uma maior abertura na defesa do Estado de destino. O engajamento também pode ter uma abordagem econômica, usando o comércio, investimento e transferência de tecnologia para gerar mudança na sociedade de destino e, talvez, para gerar uma maior

¹ HALL, Ian. **The Engagement of India: Strategies and Responses**. 1.ed. Washington: George Town, 2014. 224.p.

² Doutorado em andamento em Relações Internacionais pela PUC Minas. Mestre e Bacharel em Relações Internacionais pela PUC Minas. (oliveiravt@gmail.com).

interdependência econômica, restringindo escolhas. Finalmente, pode-se buscar criar contatos interpessoais impulsionados pela diplomacia pública, fóruns de negócios, redes de pesquisa, assistência e ajuda ao desenvolvimento, e assim por diante. Assim como o engajamento econômico, o engajamento público visa trazer mudanças a longo prazo nas preferências e políticas, cultivando a opinião pública e das elites.

Historicamente, Estados que são engajados são, geralmente, considerados Estados parias no sistema internacional, o que certamente não é o caso indiano. O que fez da Índia um candidato para ser engajada não foram esses atributos, mas sim a crescente evidência de que o país estava começando a "emergir" na política mundial e que seu relativo isolamento já não era sustentável. Seu sucesso econômico após as reformas de 1991 e seus testes nucleares em 1998 levaram muitos atores proeminentes a reavaliar as suas abordagens da Índia. Seu objetivo com este engajamento, contudo, nem sempre esteve muito claro. Como afirma-se, o engajamento é normalmente usado para tentar mudar as políticas dos estados de destino.

Como Daniel Twining nota, contudo, em seu capítulo sobre o engajamento dos EUA com a Índia, é Washington que altera suas políticas em relação à Índia. O caso mais evidente é na questão nuclear em que imediatamente após os testes nucleares indianos, os EUA adotam uma postura veementemente contrária à condução dos testes e, posteriormente, assinam um acordo nunca antes feito com países reconhecida e assumidamente nucleares e que estão fora do Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP, em inglês).

Lavina Lee também apresenta uma espécie de continuidade nas relações entre Rússia e Índia, a despeito das drásticas transformações internas que ambos os países passaram. Aqui, o engajamento é feito para manter uma tendência e evitar que a relação entre Índia e Estados Unidos tome o lugar e a importância para a Índia de suas relações com a Rússia.

O caso mais evidente de engajamento que busca alterar determinadas políticas com um objetivo é apresentado por David Envall em seu capítulo sobre as relações Índia-Japão. O autor situa seu argumento no posterior declínio da União Soviética, na ascensão chinesa e no declínio japonês e afirma que o engajamento com a Índia é uma tentativa de responder às pressões sistêmicas desta época.

Em seu capítulo sobre a relação Índia-China, Harsh Pant argumenta que a Índia tem buscado responder à ascensão chinesa com suas próprias estratégias diplomáticas e militares. Esta estratégia tem mudado nos últimos anos, em especial com a eleição de Modi no ano passado, e a Índia tem agora adotado uma política mais enérgica que consiste em ações de balanceamento interno e externo, buscando proteger seus interesses internos.

De um modo geral, portanto, o que fica claro a partir dos capítulos do livro, como afirma Hall, é que o engajamento diplomático e militar, até agora, tem funcionando de maneira mais efetiva com a Índia do que o engajamento econômico e público e que as estratégias de troca têm dado resultados melhores do que os catalisadores.

O livro se apresenta como uma boa opção, portanto, tanto para os já iniciados em estudos indianos quanto para os leigos, que buscam obter um panorama mais geral sobre o papel da Índia no sistema internacional. O arcabouço analítico que nos é apresentado logo no primeiro capítulo também é

interessante e lembrado em vários capítulos, nos auxiliando a ter um entendimento mais analítico dos casos apresentados. O livro finaliza seu esforço teórico e empírico ao concluir que estes desenvolvimentos tomarão cada vez mais espaço na agenda global no futuro e que, portanto, analisar os desdobramentos posteriores irá requerer uma base empírica e teórica. E é esta a maior contribuição da obra.

*Recebido em 30 de junho de 2015.
Aprovado em 08 de julho de 2015.*